



A SIGNIFICAÇÃO DA HUMILDADE INTELECTUAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE SEU VALOR EPISTÊMICO E A NATUREZA CONCEITUAL

Ian Sales Botti*

DOI: <https://doi.org/10.52521/poly.v17i2.13018>

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir o valor epistêmico e a natureza conceitual da humildade intelectual, ou sua significação. O debate filosófico contemporâneo contém diversas propostas dispare e um desacordo persistente sobre o status normativo (*i.e.*, se é ou não uma virtude) e a análise conceitual da humildade intelectual. Na primeira seção são apresentados casos não-problemáticos de manifestações da humildade intelectual em atividades epistêmicas, a fim de evidenciar sua relevância epistêmica e oferecer razões para crer que ela é uma virtude intelectual. Na segunda seção, discutiremos sobre as implicações dos casos descritos para o problema do status normativo e o problema da natureza conceitual da humildade intelectual. Argumentamos que as teorias da autoavaliação negativa falham em explicar o valor epistêmico da humildade intelectual e em defini-la adequadamente. Concluimos que, seja qual for a natureza conceitual da humildade, ela não inclui um tipo de autoavaliação negativa como constituinte.

Palavras-chave: Humildade intelectual. Virtudes Intelectuais. Epistemologia da Virtude. Valor epistêmico.

THE SIGNIFICANCE OF INTELLECTUAL HUMILITY: CONSIDERATIONS CONCERNING ITS EPISTEMIC VALUE AND CONCEPTUAL NATURE

Abstract: This paper aims to discuss the epistemic value and conceptual nature of intellectual humility, or its significance. Contemporary philosophical debate contains various disparate proposals and persistent disagreement regarding the normative status (*i.e.*, whether it is or is not a virtue) and the conceptual analysis of intellectual humility. In the first section, unproblematic cases of manifestations of intellectual humility in epistemic activities are presented to highlight its epistemic relevance and provide reasons to believe that it is an intellectual virtue. In the second section, we discuss the implications of the described cases for the problem of normative status and the problem of the conceptual nature of intellectual humility. We argue that theories of negative self-assessment fail to explain the epistemic value of intellectual humility and to define it adequately. We conclude that, whatever the conceptual nature of humility may be, it does not include a type of negative self-assessment as a constituent.

* Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Possui Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e Licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Email: iansallesbotti@gmail.com



Keywords: Intellectual humility. Intellectual Virtues. Virtue Epistemology. Epistemic Value.

Introdução

Qual a significação da humildade intelectual? Não há uma resposta unívoca a essa questão. Não somente porque há diversas concepções de humildade intelectual, mas também porque a própria pergunta é ambígua. Perguntar pela significação de algo pode ser perguntar o que é aquela coisa, ou o que ela vale, ou mesmo se faz qualquer sentido falar a respeito dela. Seguindo Stroud (2020), podemos entender “significação” como uma palavra polissêmica: a usamos ora em oposição à falta de significado ou ao sem sentido (uso popularizado na filosofia por Wittgenstein e pelos empiristas lógicos), ora em busca da essência, da natureza, ou da definição de algo (tal como fazem os epistemólogos ao propor definições de “conhecimento”), e ora em busca da importância de algo. Este artigo tem o objetivo duplo de tornar patente a significação da humildade intelectual, entendida como importância epistêmica, a fim de motivar o interesse filosófico nela e extrair conclusões acerca de sua significação, entendida como natureza conceitual.

Frequentemente, a discussão sobre a humildade intelectual começa com uma análise conceitual, que em seguida é testada por meio de contraexemplos e problemas filosóficos com os quais ela deve ser capaz de lidar.⁹⁸ Mas antes de buscarmos responder a questões do tipo “o que é x ?”, é pertinente que tenhamos uma noção robusta o suficiente do torna x significativo para nós e interessante de um ponto de vista filosófico. Antes de discutirmos qual a definição exata da humildade intelectual e tentarmos responder a problemas filosóficos atrelados a ela, convém garantir que nossos esforços intelectuais não estão sendo mal orientados e que não seria melhor voltar nossa atenção para outros assuntos de maior importância.

As pessoas fazem atribuições de virtudes e vícios intelectuais umas às outras frequentemente. Elas dizem, a respeito de si mesmas e umas das outras, que são, por

⁹⁸ A estratégia argumentativa de listar análises rivais e oferecer contraexemplos a elas, propondo, em seguida, uma análise alternativa e antecipando possíveis contraexemplos e objeções a ela é usada por autores como Whitcomb *et al.* (2015), Samuelson, Church (2017), Kallestrup e Prichard (2016), Priest (2017) e Tanesini (2021).



exemplo, atentas, criativas e inteligentes, ou, desatentas, negligentes e dogmáticas. Atribuir humildade intelectual a alguém é um caso particular disso. Podemos julgar como intelectualmente humilde uma ação, uma motivação, uma crença, um sentimento, ou o próprio agente.⁹⁹ Quando o fazemos queremos dizer que aquela pessoa ou algum aspecto de seu comportamento exhibe propriedades típicas da humildade intelectual. Exemplos de algumas dessas propriedades são: reconhecer seus erros; não superestimar suas próprias crenças ou a evidência que elas possuem; estar disposto a levar em conta opiniões de outras pessoas, mesmo que sejam contrárias às suas próprias; respeitar seus pares intelectuais e reconhecer sua relação de dependência epistêmica para com eles (Cf. CHURCH, 2016; KALLESTRUP, PRITCHARD, 2016; GRECO, 2021).

Mas essa é uma caracterização muito superficial da humildade intelectual, que não a distingue apropriadamente de traços como a mentalidade aberta, por exemplo. Certamente, ambas estão relacionadas, mas se quisermos saber a respeito da significação da humildade intelectual, devemos descobrir o que lhe é distintivo, e não somente o que ela tem em comum com outros traços. O que exatamente queremos dizer quando dizemos que uma pessoa é intelectualmente humilde? Essa é uma questão difícil, que abordaremos apenas de maneira indireta e limitada, em decorrência da discussão sobre o valor da humildade intelectual em práticas epistêmicas.

Na primeira seção, a importância da humildade intelectual em práticas epistêmicas é delineada a partir de reflexões sobre casos não-problemáticos de humildade intelectual, isto é, casos nos quais é plausível supor que qualquer pessoa que compreenda, tácita ou explicitamente, a expressão “humildade intelectual” e saiba usá-la cotidianamente concordará sobre se a humildade intelectual é instanciada, independentemente de suas preferências teóricas. O intuito é somente ilustrar por meio de exemplos (fictícios e reais) o que é ser intelectualmente humilde. Não pretendemos,

⁹⁹ Autores como Baehr (2016) e Battaly (2019) adotam essa concepção de traços de caráter como compostos por um perfil disposicional complexo que inclui disposições cognitivas e conativas (i.e., comportamentais, afetivas e motivacionais) que permitem identificar e individuar cada traço. Esta concepção acerca da natureza das virtudes remonta a Aristóteles e é bastante intuitiva, razões pelas quais a usamos aqui, mas há alternativas a ela, como a proposta por Tanesini (2021).



com isso, assumir a correção de alguma concepção teórica específica de humildade intelectual ou identificar condições necessárias e suficientes para sua instanciação.

Na segunda seção, são extraídas algumas implicações desses casos não-problemáticos para problemas teóricos centrais na literatura filosófica sobre a humildade intelectual. Em particular, são discutidas as questões da natureza conceitual da humildade intelectual e do seu status valorativo. A partir da discussão sobre a importância epistêmica da humildade intelectual é extraída uma noção pré-teórica que motiva o interesse filosófico nela e que pode guiar até certo ponto a discussão sobre sua natureza conceitual e seu valor epistêmico. A argumentação culmina em duas teses: (1) a humildade intelectual é uma virtude epistêmica; e, (2) as teorias da autoavaliação negativa, segundo as quais a humildade intelectual é constituída algum tipo de autoavaliação negativa do agente epistêmico, são inadequadas.

1. HUMILDADE INTELECTUAL, SUAS MANIFESTAÇÕES E SEU VALOR

Para vermos que a humildade intelectual importa, ao menos em alguns casos, basta notar que

- (i) Ela está associada a outras virtudes e se opõe a vícios: sua já mencionada proximidade com a mentalidade aberta evidencia que a humildade intelectual está associada a ao menos um traço de caráter intelectual costumeiramente tido como virtuoso.¹⁰⁰ E no senso comum e na tradição cristã, a humildade se opõe a vícios como a arrogância e a vaidade. Na literatura filosófica, a humildade intelectual está associada a diversas virtudes.¹⁰¹ Ela se opõe a uma variedade de vícios como, por exemplo, o dogmatismo, o egoísmo, a vaidade, e, sobretudo, a arrogância intelectual;

¹⁰⁰ As virtudes e vícios com os quais a humildade estabelece uma relação mais íntima dependem, em alguma medida, da terminologia e da teoria adotada. Por exemplo, para Hazlett (2012), ela é o meio-termo entre dogmatismo e timidez intelectual, enquanto outros filósofos tendem a contrapor-la à arrogância, de um lado, e à servilidade intelectual ou difidência intelectual, de outro (WHITCOMB *et al.*, 2015; CHURCH, 2016).

¹⁰¹ Segue uma lista não exaustiva: respeito (PRIEST, 2017), justiça (BLOOMFIELD, 2021), temperança (CHAPPELL, 2021) e sabedoria (CHURCH; SAMUELSON, 2014; BAEHR, 2019), além da mentalidade aberta (WHITCOMB *et al.*, 2015).



- (ii) A usamos como um elogio: sendo oposta aos vícios do orgulho, ao dizermos que uma pessoa é humilde intelectualmente, queremos ao menos dizer que ela carece desses vícios. Ainda que não estejamos em posição para apontar o que há de louvável na humildade intelectual em si mesma, ela parece implicar a ausência de um conjunto de defeitos de caráter;
- (iii) Ela promove bens epistêmicos: se correta, a caracterização reconhecidamente superficial da humildade intelectual que fizemos parece vinculá-la a bens epistêmicos tanto individuais, como a correção de crenças e (algum tipo de) autoconhecimento, quanto interpessoais, como ser um bom ouvinte, ser tolerante e não-dogmático e participar de atividades epistêmicas colaborativas;
- (iv) Alguns dos principais exemplares de virtude e sabedoria da cultura ocidental são, também, exemplares de humildade: Jesus é, talvez, o exemplar mais bem conhecido de humildade moral na cultura ocidental.¹⁰² Sócrates, por sua vez, é um exemplar de humildade intelectual na tradição filosófica. Os dois tem em comum grandes qualidades (morais ou intelectuais) que são tornadas ainda mais admiráveis pelo fato de não serem manchadas por um senso de superioridade (devido ou indevido) sobre as demais pessoas.

Podemos ilustrar essas quatro razões para considerar a humildade intelectual como uma virtude por meio de um exemplo fictício. Imagine um professor de matemática que descobre ter cometido um erro na resolução de um problema geometria analítica, transmitindo, com isso, uma informação incorreta a seus alunos sobre o assunto e prejudicando-os em uma avaliação. Ele tem duas opções. Ou ele corrige o erro (explicando novamente a resolução do problema e revisando as notas dos alunos na avaliação), ou ele o ignora. A correção do erro envolve ser motivado pelo interesse em saber a resposta correta do problema, revisar sua crença prévia sobre qual seria o

¹⁰² Ao menos assim o consideram Roberts e Wood (2007), ao tomá-lo como modelo de humildade moral. Além disso, a importância moral (e teológica) da humildade no cristianismo é tida como uma de suas características distintivas, em oposição à perspectiva moral dos gregos antigos (MACINTYRE, 1981, p. 182-184). No debate filosófico contemporâneo sobre a humildade, a tese segundo a qual seu status de virtude é uma inovação cristã possui tanto defensores, como Dunnington (2017), quanto críticos, como Chappell (2021).



resultado correto e agir de forma apropriada, compartilhando esse conhecimento com os alunos e ajudando eles a desenvolver as habilidades cognitivas necessárias para a resolução deste e de outros problemas de geometria analítica.

Mas se o professor ignora o erro, ele manifesta arrogância intelectual. Ele pode ignorar seu erro no sentido de não tomar as devidas ações para remediar os danos intelectuais causados em seus alunos, ou no sentido de nem sequer admitir para si mesmo que ele cometeu um erro. No primeiro caso, o professor pode saber que errou, e até corrigir sua crença privadamente, mas, ainda assim, não admitir publicamente o erro. No segundo caso, o professor poderia, ou, talvez, deveria saber que errou, mas não sabe. Supondo que o erro foi apontado por uma aluna, então ele deveria, de fato, reconhecê-lo e corrigi-lo, tanto para si mesmo quanto diante da turma.

A humildade intelectual do professor que corrige o erro (professor H) é caracterizada por seu compromisso de aprender e ensinar geometria analítica, mesmo quando isso requer que ele resista a tendências naturais humanas que o impelem a superestimar suas habilidades e realizações intelectuais, e a subestimar seus erros e limitações intelectuais.¹⁰³ Vale notar que, ao se comportar de maneira intelectualmente humilde, não é necessário ter a intenção de ser intelectualmente humilde. O que o motiva e guia o comportamento do professor H parece ser, em última instância, a busca pela verdade e pelo conhecimento. Ao reconhecer seu erro, ele está priorizando seu compromisso com a busca e o compartilhamento de conhecimento, em detrimento da preocupação com seu status social enquanto autoridade intelectual em classe.¹⁰⁴

¹⁰³ Diversos filósofos, defensores de concepções rivais de humildade intelectual, concordam que ela se opõe à arrogância intelectual, entendida *grosso modo* como superestimação de si mesmo enquanto agente epistêmico e de suas qualidades intelectuais (Cf. RICHARDS, 1989; ROBERTS, WOOD, 2003). Ademais, a arrogância (intelectual) seria um vício decorrente de uma tendência natural, possivelmente dotada de valor adaptativo em algumas circunstâncias, se vista de um ponto de vista evolutivo (Cf. SAMUELSON; CHURCH, 2015). Vale destacar que considerar as virtudes como traços de caráter que corrigem tendências naturais ao vício é algo comum na teoria da virtude (Cf. VON WRIGHT, 1963, p. 149; FOOT, 1978).

¹⁰⁴ A concepção de humildade intelectual de Roberts e Wood (2007) é explícita ao considerar que a humildade não possui uma motivação característica. Em vez disso, o que lhe é característico é a *ausência* de motivações egocêntricas viciosas (i.e., voltadas para exaltação de si mesmo e a obtenção de status social). Não precisamos nos comprometer com essa concepção para notar que no caso examinado a humildade elimina, ou torna inoperante, qualquer motivação egocêntrica que poderia levar o professor H a agir de maneira arrogante ou dogmática.



Alternativamente, a arrogância intelectual do professor que ignora o erro (professor A) parece ser caracterizada por seu compromisso em preservar sua reputação intelectual e sua autoestima intelectual elevadas, cedendo àquela tendência natural que parecemos ter. Essa tendência natural nos impulsiona a superestimarmos a nós mesmos relativamente a algum critério de avaliação e comparação com outros agentes epistêmicos: em nossos momentos de orgulho exacerbado e arrogância nós acreditamos sermos melhores do que realmente somos, melhores do que a evidência disponível sugere, e melhores do que deveríamos acreditar que somos; mas também melhores do que os outros. Isto é, nos termos de Alessandra Tanesini (2021), uma má mensuração do *self*, uma atitude viciosa de superioridade intelectual.

Acontece que humildade e arrogância intelectuais não são os únicos termos de virtudes e vícios relevantes para explicar e avaliar o comportamento do professor, em qualquer caso. Resistir à tendência natural ao vício da arrogância intelectual requer continência intelectual. Revisar crenças à luz de novas evidências contrárias às crenças atuais indica uma mentalidade aberta. Levar em conta a opinião dos alunos, caso sejam eles que apontam o erro ao professor, é uma demonstração de respeito, generosidade e gratidão para com eles enquanto conhecedores. Revisar a nota dos alunos prejudicados é, obviamente, a coisa justa a ser feita. Enfim, corrigir a si mesmo diante do reconhecimento do erro parece manifestar algum grau de sabedoria.

Independentemente de como o professor reage ao erro, ele está sujeito a ter sua conduta intelectual julgada positiva ou negativamente por um observador que esteja ciente que (i) o professor errou, e que (ii) ele sabe, ou deveria saber, que errou. Imagine que uma aluna questione o professor A sobre a questão e, apesar de seus esforços, ele se mostre inflexível. O professor A é desdenhoso com a aluna e não se mostra disposto a mudar de opinião de frente às críticas. Como avaliáramos seu comportamento?

Nesse cenário, seria indecoroso se a aluna dissesse ao professor A: “você está sendo intelectualmente arrogante!”. Mas a aluna certamente estaria justificada em tal atribuição. Isso significa que, quando chamamos alguém de (intelectualmente) arrogante, entendemos isso como uma crítica a um defeito intelectual pessoal. No cenário oposto, no qual o professor H corrige prontamente o erro após ser questionado,



o aluno poderia lhe agradecer pela revisão da nota e considerar que ele foi intelectualmente humilde. Evidentemente, a atribuição de humildade intelectual ao professor H é uma avaliação positiva de uma qualidade intelectual que ele manifesta ao reconhecer e corrigir seu erro. Em outras palavras, se trata de um elogio.¹⁰⁵

Para evitar o compromisso com qualquer tese particular sobre a fonte do valor das virtudes, podemos nos limitar a constatar que a humildade intelectual possui, ao menos, valor epistêmico constitutivo e instrumental. Ela é constitutivamente valiosa porque a motivação que guia atos de humildade intelectual é (pelo menos usualmente) epistemicamente boa, a saber, o amor pela verdade e pelo conhecimento.¹⁰⁶ E ela é instrumentalmente valiosa porque promove a obtenção, retenção e o compartilhamento de bens epistêmicos.¹⁰⁷ Isso faz dela uma excelência intelectual: um traço de caráter

¹⁰⁵ É importante fazer a ressalva de que atribuir humildade intelectual ao professor nos cenários apresentados significa somente que ele realizou um *ato de humildade intelectual*, isto é, se comportou de maneira característica, com a motivação característica, atingindo o fim característico dessa virtude, mas não implica que ele possui, de fato, o traço de caráter em questão. Talvez ele habitualmente seja arrogante, mas nesse caso específico agiu de forma atípica. Ou talvez ele tenha somente a virtude local de ser humilde quando atuando como professor, mas não em outros âmbitos de sua vida. Seja como for, é possível agir de maneira humilde esporadicamente ou em um conjunto limitado de contextos mesmo sem ser uma pessoa humilde. Essa distinção entre a posse de virtudes intelectuais e a realização de atos de virtude intelectual é feita por Zagzebski (1998).

¹⁰⁶ Os filósofos da humildade se dividem quanto a se a humildade é necessariamente uma virtude e quanto a se sua motivação constitutiva é necessariamente boa. Whitcomb *et al.* (2015) defendem que a humildade intelectual não é necessariamente virtuosa, podendo ser vinculada a motivações puramente egoístas ou restrita a contextos de pouca relevância moral ou epistêmica (por exemplo, ser humilde somente no trabalho, para causar uma boa impressão e ser bem-quisto, mas não em outras situações). Assim concebida, parece que a humildade pode ser um traço de caráter local ou até mesmo um vício, a depender de seu componente motivacional; com isso, ela só será uma virtude se possuir o componente motivacional apropriado, mas ainda pode existir na ausência deste. Roberts e Wood (2007, p. 241), por sua vez, concordam que a motivação constituinte da humildade não é necessariamente virtuosa, mas insistem que esta última o é, ainda assim. Na concepção dos autores, a humildade é caracterizada pela suplantação de motivações egoístas (características dos vícios do orgulho) por motivações voltadas para *bens aparentes*. Mesmo que se trate de bens *meramente aparentes*, a pessoa humilde ainda é moralmente melhor que a pessoa acometida pelos vícios do orgulho, de modo que o componente motivacional apropriado acrescenta valor à humildade, mas sua ausência não a impede de ser uma virtude. Naturalmente, no melhor dos casos os bens (epistêmicos) em questão são genuínos, como a verdade e o conhecimento. Para Tanesini (2018, p. 8; 2021, p. 77-78), porém, a humildade intelectual é necessariamente virtuosa e necessariamente constituída por boas motivações: se o interesse do indivíduo for outro que não o de conhecer e avaliar adequadamente suas qualidades e limitações epistêmicas *qua* qualidades e limitações epistêmicas, então ele não possui humildade intelectual, e sim algum outro traço. Desta perspectiva, não é possível ser humilde pelos motivos errados.

¹⁰⁷ Bens epistêmicos podem ser entendidos como o resultado (*output*) de processos cognitivos, atividades epistêmicas (como investigações e deliberações) e práticas socioepistêmicas em geral, que realizamos individual ou coletivamente. Esse resultado epistemicamente valioso são coisas como intuições, crenças (verdadeiras ou justificadas), memórias acuradas, performances intelectuais responsáveis e eficientes, em



constituído por motivações e finalidades epistemicamente valiosas e que promove o florescimento intelectual humano.

Os cenários do professor H (humilde intelectualmente) e do professor A (arrogante intelectualmente) evidenciam como a conduta epistêmica humilde promove a aquisição de bens epistêmicos, ou remove obstáculos do caminho, na medida em que permite que a busca pelo conhecimento não seja perturbada por vícios epistêmicos como a arrogância e a vaidade intelectual, derivados das preocupações egocêntricas das quais a pessoa humilde carece. O professor A causa danos epistêmicos a si mesmo. Ou ele é ignorante sobre si mesmo em algum sentido, ou é incontinente. Em ambos os casos, ele está bem próximo do autoengano e possui crenças falsas e injustificadas sobre si mesmo. Sua arrogância intelectual o impede de obter uma forma de autoconhecimento e de regular efetivamente os seus processos e estados epistêmicos.

O professor A também causa danos epistêmicos a outras pessoas. Ele está efetivamente sendo um obstáculo para que os alunos conheçam a verdade sobre um problema matemático. Ele está os prejudicando ao transmitir uma informação incorreta. Essa informação incorreta é uma forma de ruído na comunicação, que pode ser prejudicial ao aprendizado e ao entendimento de geometria analítica dos alunos, assim como à autoridade intelectual do professor, e, obviamente, às notas dos alunos.

O professor H, por sua vez, possui uma forma de autoconhecimento. Supondo que ele habitualmente se comporta de maneira intelectualmente humilde, então ele possui uma disposição confiável para a formação de crenças verdadeiras sobre o status epistêmico de suas próprias crenças, capacidades, habilidades, hábitos, e do *self* epistêmico em si.¹⁰⁸ Na medida em que ele habitualmente revisa sua confiança em suas

geral. Uma vez gerado, o resultado servirá como conhecimento de fundo em processos epistêmicos posteriores, mas também poderá ser revisado à luz de seus resultados.

¹⁰⁸ Talvez seja possível conceber cenários nos quais a humildade intelectual é epistemicamente desvantajosa. Pode-se argumentar que o autoconhecimento vinculado a ela pode ter seu valor tolhido pela necessidade do agente humilde de monitorar a si mesmo constantemente, o que demanda que ele dispenda de recursos cognitivos limitados (e.g., atenção e tempo) focando em si mesmo e, possivelmente, se torne obcecado com a autoavaliação epistêmica. Ou ainda, pode-se argumentar que em situações de desacordo entre pares, a pessoa humilde poderia supor sempre o pior acerca de suas próprias crenças e abandoná-las, mudando de ideia sobre o assunto. Nos casos nos quais sua opinião for verdadeira e/ou justificada, ela se afastará dos bens epistêmicos que almeja, enquanto uma pessoa intelectualmente arrogante provavelmente se sairá melhor. Em ambos os cenários a humildade parece acarretar prejuízos no



crenças e demais aspectos de seu aparato cognitivo, ele sabe mais sobre si mesmo, em particular, sobre sua conduta epistêmica, do que o professor A sabe sobre si mesmo. Ele também sabe mais sobre geometria analítica: o professor H tem, *ceteris paribus*, ao menos uma crença verdadeira a mais sobre matemática do que o professor A, isto é, a crença verdadeira em que consiste a resposta correta ao problema matemático em questão. Também parece plausível que o processo de reconhecer e corrigir o erro venha a ter um efeito positivo nas habilidades matemáticas e no domínio teórico do professor H.

A humildade intelectual do professor H promove esses estados epistêmicos valiosos (conhecimento de si, conhecimento matemático, desenvolvimento de habilidades matemáticas, entendimento teórico em matemática) por meio da regulação de sua conduta epistêmica. Isso significa que a humildade intelectual é uma virtude associada ao controle eficiente de processos e atividades epistêmicas. Reconhecer um erro, checar o resultado de uma tarefa intelectual, revisar uma crença e ser receptivo a opiniões de outras pessoas são exemplos de regulação eficiente da conduta epistêmica, que conduz à produção de bens epistêmicos.

Os ganhos epistêmicos associados à humildade intelectual não se limitam ao próprio professor H – evidentemente, elas se estendem a seus alunos. Eles também sabem mais sobre geometria analítica: os alunos do professor H tem, *ceteris paribus*, ao menos uma crença verdadeira a mais sobre matemática do que os alunos do professor A, isto é, a crença verdadeira em que consiste a resposta correta ao problema matemático em questão. Também parece plausível que o processo de reconhecer e corrigir o erro

juízo e na tomada de decisão, bem como danos epistêmicos. Não há espaço para discuti-las aqui, mas questões como o problema do autofoco (Cf. WHITCOMB *et al.*, 2015, p. 19-20; TANESINI, 2018, p. 8) e considerações sobre a relação da humildade intelectual com o debate entre conciliacionismo e anticonciliacionismo na epistemologia do desacordo (HAZLETT, 2012; PRITCHARD, 2021; SILVA, 2022) estão na vizinhança dessas duas objeções e são temas de discussão centrais na literatura (Cf. BOTTI, 2024, caps. 2 e 3). Proponentes de teorias da humildade como autoavaliação, como Whitcomb *et al.* (2015) e Tanesini (2018), esclarecem que a virtude não demanda um monitoramento consciente das capacidades do agente e nem um autofoco excessivo, o que pode oferecer um esboço de resposta à primeira objeção. Quanto à segunda, Hazlett (2012) e Pritchard (2021) defendem que a atitude intelectualmente humilde diante de desacordos entre pares não exige a suspensão da crença. Pessoas intelectualmente humildes podem ter crenças controversas. Me parece que, para responder de maneira pormenorizada a essas linhas de objeções que caracterizam a pessoa intelectualmente humilde como insegura, indecisa ou submissa, é preciso distinguir com bastante clareza entre a virtude da humildade intelectual e seus vícios por excesso (*e.g.*, a baixa autoestima intelectual e a servilidade intelectual).



venha a ter um efeito positivo nas habilidades matemáticas e no domínio teórico dos alunos do professor H (além de melhorar suas notas).

Os professores H e A oferecem um exemplo hipotético de como a humildade intelectual se manifesta na vida intelectual de uma pessoa e que diferença ela faz, mas podemos usar o exemplo de um dos personagens centrais da cultura filosófica ocidental - Sócrates - para mostrar que a humildade parece ser uma das virtudes mais marcantes dos sábios.

A sabedoria socrática - por vezes é chamada de humildade socrática - é expressa no célebre “só sei que nada sei”, que frequentemente lhe é atribuído. É notável que alguém de tamanha envergadura intelectual minimize seu conhecimento e se enxergue não como um professor, que transmite conhecimento a seus alunos, mas sim como um facilitador na laboriosa tarefa de seus pares de darem luz às suas próprias ideias.¹⁰⁹ Não é difícil imaginar as diversas maneiras pelas quais essa virtude contribuiu para o florescimento intelectual de Sócrates e contribui ainda hoje para o florescimento intelectual de qualquer pessoa que seja influenciada direta ou indiretamente pela enorme produção filosófica e cultural vinculada de alguma forma a Sócrates.

Sem dúvida, Sócrates é um exemplar de uma vida intelectual bem conduzida pelas virtudes da mente e a humildade intelectual parece ser um fator saliente para explicar por que ele foi, e ainda é tão admirado intelectualmente.

2. IMPLICAÇÕES PARA OS PROBLEMAS DO VALOR E DA NATUREZA CONCEITUAL DA HUMILDADE INTELECTUAL

O que podemos afirmar de filosoficamente relevante acerca da humildade intelectual à luz do que dissemos a seu respeito nos casos do professor H e de Sócrates? Primeiro, vejamos alguns dos problemas teóricos fundamentais na literatura filosófica sobre a humildade intelectual.

¹⁰⁹ Roberts e Wood (2007, p. 243) analisam a humildade intelectual de Sócrates como sendo oposta ao vício da dominação intelectual, que, para os autores, é um dos vários vícios do orgulho. Deste ponto de vista, o que torna a atitude de Sócrates louvável é a ausência de qualquer pretensão de exercer controle sobre a atividade intelectual e as crenças de outras pessoas. Sócrates, *qua* filósofo, valorizava mais a busca de bens (epistêmicos ou não) do que qualquer orgulho que pudesse obter ao exercer poder sobre o intelecto de outrem. Novamente, não precisamos nos comprometer com essa interpretação da humildade intelectual de Sócrates, há outras possíveis igualmente compatíveis com nossa apresentação do caso.



- (a) Qual o status valorativo da humildade intelectual? Ela é uma virtude ou vício intelectual?
- (b) O que é a humildade intelectual? Como defini-la corretamente?

Discutiremos essas duas questões na ordem apresentada. Com base no que foi dito na seção anterior, podemos afirmar, sem ressalvas, que se a humildade intelectual puder ser atribuída corretamente ao professor H e a Sócrates, então sem dúvida ela é um traço de caráter intelectual valioso. Não parece controverso afirmar que a humildade intelectual é uma virtude epistêmica e que ela cumpre um papel positivo em atividades epistêmicas. Mas ainda que não tenhamos apresentado razões para pensar o contrário, há alguns filósofos que discordam disso. É aqui que a humildade intelectual passa a ser interessante de um posto de vista filosófico, na medida em que seu valor epistêmico positivo é questionado e sua aparência de virtude é colocada em dúvida.

Há concepções de humildade segundo as quais ela é uma virtude, mas uma virtude peculiar, ou até mesmo paradoxal. Levando ao extremo a intuição de que a humildade é oposta à arrogância ou ao orgulho, Taylor (1985) e Driver (1989) defendem que a humildade é constituída, fundamentalmente, por um tipo de autoavaliação negativa. Para Taylor (1985, p. 17), a pessoa humilde é aquela que aceita sua baixa posição em uma escala valorativa em comparação com outras pessoas. Em outras palavras, humilde é quem tem pouco valor e sabe disso. De maneira similar, Driver (1989) pensa que humilde é a pessoa que subestima a si mesma e ignora seu próprio valor.¹¹⁰

[...] a pessoa modesta subestima seu próprio valor. Se ela fala, então ela subestima a verdade, mas faz isso inconscientemente. Isso implica que o modesto é ignorante, até certo ponto, em relação ao seu próprio valor. Ele se subestima e, portanto, apenas reconhece uma parte do mérito devido a ele. (DRIVER, 1989, p. 376. Tradução nossa.)¹¹¹

¹¹⁰ Na verdade, a teoria de Driver é sobre a modéstia moral, e não sobre qualquer tipo de humildade, mas sua influência na literatura sobre a humildade é grande e concepções de humildade intelectual baseadas na concepção de modéstia de Driver são discutidas por diversos autores (Cf. WHITCOMB *et al.*, 2015; TANESINI, 2018; DUNNINGTON, 2017).

¹¹¹ No original: “[...] *the modest person underestimates his self-worth. If he speaks, then he understates the truth, but he does so unknowingly. This entails that the modest is ignorant, to a certain degree, with regard to his own self-worth. He underrates himself, and therefore only takes a portion of the credit due him.*”



Aqui, a pessoa humilde pode ter qualidades, contanto que não saiba disso completamente. Em ambas as concepções, humilde é aquele que julga a si mesmo de forma negativa, seja esse julgamento acurado (Taylor) ou inaccurado (Driver). Ambas as teorias podem ser modificadas para abordarem a humildade intelectual, especificamente, em vez da humildade moral.

As teorias da autoavaliação negativa não parecem tratar de nada similar àquilo que o professor H e Sócrates manifestam, mas, ainda assim, elas possuem algum apelo intuitivo e suporte evidencial. O apelo intuitivo se deve aos usos nos quais “humildade” é atribuída a pessoas desfavorecidas socioeconomicamente e a monges e devotos que humilham a si mesmos em nome de sua fé religiosa (Cf. BLOOMFIELD, 2021). O suporte evidencial se deve à etimologia da palavra, que sugere uma conotação negativa, vinculada a inferioridade e a auto humilhação (Cf. DUNNINGTON, 2019, p. 9; ROBINSON, 2021, p. 28; BLOOMFIELD, 2021, p. 37).

O comentário contemporâneo sobre a humildade insiste em uma distinção avaliativa forte entre humildade e humilhação: humildade é bom, humilhação é ruim. Essa distinção não é feita pelas monjas e pelos monges do deserto, que recomendavam sofrimento, envergonhamento e falsas acusações como caminhos para a humildade. (DUNNINGTON, 2019, p. 9. Tradução nossa.)¹¹²

Essa conotação negativa, que remonta ao cristianismo primitivo, é o que leva Hume (2009, p. 349-350) a considerá-la uma virtude monástica (*monkish virtue*) e ainda hoje se preserva na definição lexical, segundo a qual humildade significa “ter uma opinião baixa sobre si mesmo; mansidão; baixeza.” (Cf. BATTALY, 2019, p. 1. Tradução nossa.).¹¹³

Apesar de plausíveis à luz do uso comum e da etimologia de “humildade”, essas teorias são alvo de diversas objeções fortes, uma das quais aponta a estranheza de considerar virtuoso ser desprovido de valor ou ser ignorante acerca do próprio valor (Cf. ROBINSON, 2021). Em vista desse problema, as concepções da autoavaliação negativa

¹¹² No original: “*Contemporary commentary on humility insists on a strong evaluative distinction between humility and humiliation: humility is good, humiliation bad. This distinction is not made by the desert mothers and fathers, who commend suffering, embarrassment, and false accusation as pathways to humility.*”

¹¹³ No original: “*having a lowly opinion of oneself; meekness; lowliness.*”



enfrentam um dilema: se elas estiverem corretas, a humildade provavelmente não é uma virtude, ou, inversamente, se a humildade é uma virtude, então essas concepções provavelmente não estão certas. A alternativa mais aceita pelos filósofos é sustentar que a humildade é uma virtude e recusar as teorias da autoavaliação negativa.¹¹⁴

Quaisquer que sejam os méritos das teorias da autoavaliação negativa ao tratar da humildade *moral*, o que dissemos na seção anterior indica que elas são bastante implausíveis no que tange à humildade *intelectual*, corroborando a posição hegemônica segundo a qual a humildade (tanto moral quanto intelectual) é virtuosa. Ser vinculada a virtudes intelectuais, ser usada como elogio, promover a conquista de bens epistêmicos e ser atribuída a exemplares de sabedoria como Sócrates sugere que a humildade intelectual é uma virtude epistêmica.¹¹⁵ Com isso, a concepção da autoavaliação negativa não parece estar no caminho certo, principalmente quando aplicada ao âmbito epistêmico: na versão adaptada a partir de Driver (1989), a humildade intelectual seria concebida como constituída por disposições para formar crenças falsas; na versão adaptada a partir de Taylor (1985), a pessoa intelectualmente humilde seria concebida como necessariamente desprovida de valor enquanto agente epistêmico. Em todo caso, parece difícil conciliar essas concepções com a suposição de que a humildade intelectual é uma virtude epistêmica.

As teorias da autoavaliação negativa não dão conta de explicar o valor epistêmico positivo da humildade intelectual tal como instanciada pelo professor H e

¹¹⁴ Apesar desse acordo geral, os filósofos se dividem no que concerne à natureza conceitual da humildade: há um grupo de teorias que a definem em termos de algum tipo de autoavaliação, como é o caso da concepção da não-superestimação de qualidades (RICHARDS, 1988), das concepções doxásticas (HAZLETT, 2012; SAMUELSON, CHURCH, 2017), da concepção do controle de limitações [*Limitations-Owning Account*] (WHITCOMB *et al.*, 2015), entre outras; há também teorias que a definem com base em suas características afetivas e interpessoais, como é o caso da concepção da baixa preocupação com status (ROBERTS, WOOD, 2003), da concepção do não impressionar-se consigo mesmo (GARCIA, 2006), da concepção da desatenção (BOMMARITO, 2013), da concepção interpessoal (PRIEST, 2017), entre outras.

Além de Taylor e Driver, outras exceções notáveis a essa hegemonia são Dillon (2021, p. 61) e Dunnington (2017, 2019).

¹¹⁵ Como dito em nota de rodapé anterior, Roberts e Wood (2007, p. 243) atribuem a Sócrates um tipo de humildade intelectual oposto ao vício da dominação intelectual, tendo em vista que seu método (a maiêutica) visa trazer à tona algo que o interlocutor já sabe, em algum sentido, em vez de algo que Sócrates o esteja ensinando. Há outros aspectos da atitude filosófica de Sócrates que podem ser entendidos como manifestações de alguma forma de humildade intelectual, entre os quais figura a própria ignorância socrática (STEINBERG, no prelo).



por Sócrates, mas e quanto à definição da humildade intelectual? Nada até então as impede de serem definições adequadas da humildade intelectual, contanto que se conceda se tratar, assim concebida, de uma virtude epistêmica paradoxal, posto que seu status epistêmico positivo é superveniente a um defeito epistêmico (i.e., a falta de qualidades intelectuais, na concepção inspirada em Taylor, e a ignorância acerca delas, na concepção inspirada em Driver). Que razões temos, com base nos exemplos do professor H e Sócrates, para recusar as teorias da autoavaliação negativa enquanto definições de humildade intelectual?

Contra a concepção de humildade intelectual baseada na teoria de Taylor, segundo a qual a pessoa intelectualmente humilde é aquela que aceita sua baixa posição intelectual como aquela que lhe é devida, podemos argumentar o seguinte: Pessoas cujas qualidades intelectuais são extraordinárias podem ser intelectualmente humildes. Tanto o professor H quanto Sócrates são pessoas em uma posição elevada em suas respectivas escalas de valor intelectual, mas isso não os impede de serem humildes. O professor H, *qua* professor, é uma autoridade intelectual, enquanto Sócrates, mesmo tendo sido imortalizado por sua suposta auto atribuição de ignorância, segue atraindo admiradores por seu intelecto e suas habilidades de argumentação. Portanto, para ser intelectualmente humilde não é necessário ocupar uma posição baixa em um *ranking* de status intelectual.¹¹⁶

E quanto à teoria de Driver? Não seria plausível afirmar que Sócrates e o professor H são intelectualmente humildes devido a sua ignorância de suas qualidades intelectuais? Não seria isso o que explica o comportamento intelectualmente humilde de ambos? A humildade intelectual deles talvez seja compatível com ignorância acerca de suas qualidades e status intelectual, mas essa ignorância não parece ser aquilo que os torna intelectualmente humildes. O professor H não precisa ignorar completamente suas qualidades enquanto matemático e enquanto professor para revisar um erro cometido, tampouco precisa desconhecer seu status de autoridade intelectual em sala de aula.

¹¹⁶ Richards (1988) argumenta de maneira similar, afirmando que restringir a extensão da humildade somente a pessoas objetivamente desprovidas de qualidades é inadequado porque intuitivamente a humildade é ainda mais admirável em pessoas excepcionais. Jesus e Sócrates são exemplares de humildade e humildade intelectual, respectivamente, que tem qualidades excepcionais e isso torna sua humildade ainda mais admirável, em vez de torná-la impossível.



Quanto a Sócrates, o que decorre se supusermos que ele acreditava sinceramente que nada sabia? É isso o que o torna intelectualmente humilde? Sua humildade intelectual é produto de subestimar a si mesmo enquanto conhecedor? Mesmo nesse caso, isto é, supondo que sua auto atribuição de ignorância é um estado epistêmico genuíno, não parece ser propriamente a subestimação de si mesmo o que lhe confere o status de sábio ou de intelectualmente humilde. A admirabilidade de Sócrates enquanto filósofo está mais associada a não superestimar seu conhecimento, a seu amor pela verdade, a sua disposição para investigar questões importantes e a sua competência dialética.¹¹⁷ Portanto, em ambos os casos não parece necessário ser ignorante acerca das próprias qualidades intelectuais para ser intelectualmente humilde. Mesmo se admitirmos, em prol do argumento, que ambos ignoram seu valor intelectual, não é isso o que os torna intelectualmente humildes.

Um terceiro exemplo pode aclarar mais a argumentação a essa altura. A humildade intelectual do filósofo G. E. Moore era tamanha que ele corrigia a si mesmo e revisava suas crenças publicamente mesmo na ausência de críticas advindas de seus alunos.

Moore era modesto em suas aulas [*self effacing*]. As críticas que ele fazia a afirmações que ele mesmo havia feito, digamos que em uma aula passada, poderiam ter sido dirigidas a algum filósofo anônimo cujos erros precisavam de correção. Por exemplo, ao discutir a verdade, Moore examina duas formas proposicionais, “é verdade que p” e “p,” sustentando que elas significam o mesmo e, portanto, “é verdade que” não tem significado porque “é verdade que” é redundante. Os comentários dele na aula seguinte: “Minha visão atual é que, longe de ser o caso que do fato de ser redundante se siga que não tem significado, se segue que se é redundante então *tem significado*. Nenhuma frase pode ser redundante em uma expressão sem ter significado.” Algumas aulas depois ele avisa a turma: “Eu vou dar um salto agora porque não sei como prosseguir.” (AMBROSE, 1989, p. 107-108. Apud. ROBERTS, WOOD, 2007, p. 240. Tradução nossa.)¹¹⁸

¹¹⁷ E de todo modo, é mais plausível que a sua pretensa ignorância tenha um caráter metodológico, concernente à sua maiêutica, em vez de ser uma crença genuína sobre si mesmo, de modo que a humildade intelectual de Sócrates, seja lá em que consista, não depende de ele realmente acreditar que nada sabe.

¹¹⁸ No original: “Moore in his lectures was self-effacing. Criticisms he put forward of claims he himself had made, say in a previous lecture, could as well have been directed to an anonymous philosopher whose mistakes called for correction. For example, in discussing truth, Moore had examined the two propositional forms, “it is true that p” and “p,” maintaining that they meant the same and therefore that “it is true that” has no meaning because “it is true that” is redundant. His comment in the next lecture:



A julgar pela forma como Ambrose o descreve, Moore aparentava ter uma baixíssima preocupação com seu status intelectual enquanto professor de filosofia da Universidade de Cambridge – seu engajamento na busca por conhecimento eclipsava qualquer motivação autocentrada que ele pudesse ter ao filosofar. Ele se mostrava disposto, em aula, a reconhecer seus erros de raciocínio, mudar de opinião, criticar a si mesmo e mudar a direção ao se perceber diante de um problema que ele não era capaz de resolver. Por mais implausível que seja, não parece impossível que ele desconheça suas capacidades intelectuais e sua posição de destaque entre filósofos e professores de filosofia. Mas essa ignorância sobre si mesmo certamente não é necessária, na medida em que é possível que ele tenha pleno conhecimento de suas qualidades e seu status enquanto agente epistêmico e, ainda assim, não se preocupe com reputação intelectual, continuando a mudar de opinião e corrigindo a si mesmo sempre que achar necessário. Tampouco é suficiente, porque se Moore não tivesse a menor ideia de que é um grande filósofo e um professor renomado, isso não implicaria em revisar opiniões e reconhecer limitações da maneira relatada por Ambrose.

Podemos ainda, a título de especulação, considerar a possibilidade de que a conduta epistêmica de Moore, tal como a de Sócrates, servisse a um propósito metodológico ou pedagógico ulterior, cujos benefícios epistêmicos são voltados para seus alunos.¹¹⁹ Por exemplo, ele poderia agir daquela maneira intencionando mostrar (em oposição a descrever ou recomendar) a seus alunos um modo de filosofar que ele talvez gostaria que eles adotassem em suas próprias práticas.¹²⁰

“My present view is that so far from its being the case that from the fact that it is redundant it follows that it has no meaning, it follows that if it is redundant it has got meaning. No phrase can be redundant in an expression without having a meaning.” Some lectures later he notified his class: “I am going to make a jump now because I do not know how to go on.””

¹¹⁹ Agradeço a um parecerista anônimo por destacar esse possível paralelo entre Sócrates e Moore no que concerne aos benefícios epistêmicos interpessoais de suas maneiras de manifestar a humildade intelectual.

¹²⁰ Vale reparar que, se for este o caso, Moore (assim como Sócrates) poderia ser acusado de falsa humildade ou de insinceridade em suas ponderações e mudanças de opinião. Contudo, diferentemente do caso considerado por Whitcomb *et al.* (2015) no qual a humildade intelectual é um traço de caráter local cuja motivação é egoísta (*i.e.*, parecer humilde em determinadas situações para obter algum ganho pessoal), não parece que a humildade intelectual de Sócrates ou de Moore, mesmo se fosse meramente metodológica ou pedagógica, intenciona ganho pessoal e nem envolve motivações egoístas; antes, o fato de haver ganho epistêmico orientado ao interlocutor é evidência do contrário.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comecei este artigo anunciando o objetivo de discutir a significação da humildade intelectual. Distingui, seguindo Stroud (2020), entre perguntar pelo valor de alguma coisa e perguntar o que ela é, dando primazia àquela questão. Em seguida, apresentei o contraste entre os exemplos fictícios do professor H e do professor A, que, quero crer, são casos não-problemáticos de humildade intelectual e arrogância intelectual; bem como os exemplos históricos de Jesus, Sócrates e, por último, Moore. O exame de como a humildade se manifesta em cada caso serviu aos propósitos de evidenciar o valor epistêmico da mesma e de oferecer uma noção rudimentar de algumas de suas características. Isso serviu ao propósito ulterior de argumentar contra uma família de concepções de humildade denominada teorias da autoavaliação negativa em dois pontos: (I) essas teorias parecem inconsistentes com a constatação de que a humildade intelectual é uma virtude epistêmica; e (II) elas falham em capturar adequadamente em suas definições as características da humildade intelectual, tal como ela se apresenta nos casos examinados.

O que podemos concluir sobre a significação da humildade intelectual à luz dos exemplos discutidos? Parece certo que a humildade intelectual importa, de uma perspectiva epistêmica cotidiana, já que ela parece se manifestar e ter um impacto positivo em práticas epistêmicas comuns como a docência e a investigação filosófica. Ela também importa de um ponto de vista filosófico, justamente porque nós filósofos, e em particular, epistemólogos, queremos entender melhor fenômenos e conceitos que são importantes na vida cotidiana. Analisar a humildade intelectual pode ser algo relevante para epistemólogos que concordarem que ela tem importância epistêmica, e também para os que não estiverem convencidos disso, já que a eles cabe o ônus de mostrar onde erramos e porque a humildade intelectual não é importante. Na ausência de argumentos contrários, é seguro afirmar que a humildade intelectual é, de fato, relevante e é uma virtude epistêmica.

Estamos em posição para afirmar que a humildade é algo bom, mas não para dizer o que exatamente ela é. Esse é o elusivo problema da natureza conceitual da humildade intelectual. Discutimos como a humildade intelectual impacta na regulação



de atividades epistêmicas colaborativas, constatamos que ela se opõe à arrogância e sugerimos, *en passant*, que ela parece envolver uma autoavaliação acurada e a motivação pela busca da verdade e do conhecimento. Mas qualquer que seja sua natureza conceitual, a humildade intelectual não parece ser constituída por qualquer tipo de autoavaliação negativa, e se a humildade moral o for, então um resultado interessante a que chegamos é notar que talvez devamos considerá-las como traços distintos.

REFERÊNCIAS

- AMBROSE, Alice. Moore and Wittgenstein as Teachers. *Teaching Philosophy*, 12, 1989, 107–113.
- BAEHR, Jason. The four dimensions of an intellectual virtue. In: MI, Chienkuo; SLOTE, Michael; SOSA, Ernest (Org.). *Moral and intellectual virtues in Western and Chinese philosophy: the turn toward virtue*. New York: Routledge, p. 86-98, 2016.
- BATTALY, Heather. Humility. In: *International Encyclopedia of Ethics*, 2019.
- BOMMARITO, Nicolas. Modesty as a Virtue of Attention. *Philosophical Review*, 122(1): 2013, p. 93–117.
- BLOOMFIELD, Paul. Humility is not a virtue. In: ALFANO, Mark; LYNCH, Michael; TANESINI, Alessandra (Org.). *The Routledge Handbook of Philosophy of Humility*. New York: Routledge, p. 36-46, 2021.
- BOTTI, Ian Salles. *Humildade intelectual: uma introdução crítica ao debate filosófico contemporâneo*. Dissertação (Programa De Pós-Graduação em Filosofia - PPGFIL) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.
- CHURCH, Ian. The doxastic account of intellectual humility. *LOGOS & EPISTEME*, VII, 4, 2016, p. 413-433.
- DILLON, Robin. Humility and self-respect: Kantian and feminist perspectives. In: ALFANO, Mark; LYNCH, Michael; TANESINI, Alessandra (eds). *The Routledge Handbook of Philosophy of Humility*. New York: Routledge, p. 59-71, 2021.
- DUNNINGTON, Kent. Intellectual Humility and the Ends of the Virtues: Conflicting Aretaic Desiderata, *Political Theology*, 18(2), 2017, p. 95-114.
- DUNNINGTON, Kent. *Humility, Pride, and Christian Virtue Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2019
- DRIVER, Julia. The Virtues of Ignorance. *The Journal of Philosophy*, 86(7): 1989, p. 373-384.



- FOOT, Philippa. Virtues and vices. In: *Virtues and vices and other essays in moral philosophy*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press. 1978.
- GARCIA, J. L. A. Being unimpressed with ourselves: reconceiving humility. *Philosophia*, 34, 2006, p. 417–43.
- GRECO, John. Intellectual humility and contemporary epistemology: a critique of epistemic individualism, evidentialism and internalism. In: ALFANO, Mark; LYNCH, Michael; TANESINI, Alessandra (Org.). *The Routledge Handbook of Philosophy of Humility*. New York: Routledge, p. 271-282, 2021.
- HAZLETT, Allan. Higher-order epistemic attitudes and intellectual humility. *Episteme*, 9, 2012, p. 205-223.
- HUME, David. *Tratado da natureza humana*. Tradução de Débora Danowski, 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- KALLESTRUP, Jesper; PRITCHARD, Duncan. From epistemic anti-individualism to intellectual humility. *Res Philosophica*, 93(3), 2016, p. 533-552.
- MACINTYRE, Alasdair. *After Virtue*. London: Duckworth, 1981.
- PRIEST, Maura. Intellectual Humility: An Interpersonal Theory. *Ergo*, 4(16), 2017, p. 463-488.
- PRICHARD, Duncan. Intellectual humility and the epistemology of disagreement. *Synthese*, 198 (Suppl 7), 2021, p. 1711-1723.
- RICHARDS, Norvin. Is Humility a Virtue?. *American Philosophical Quarterly*, 25, 1988, p. 253-259.
- ROBERTS, Robert; WOOD, W. Jay. Humility and Epistemic Goods. in: DEPAUL, Michael; ZAGZEBSKI, Linda (Org.). *Intellectual Virtue: Perspectives from Ethics and Epistemology*. Oxford: Clarendon Press, p. 257-279, 2003.
- ROBERTS, Robert. *Intellectual Virtues: An Essay in Regulative Epistemology*. Oxford: Clarendon Press, 2007.
- ROBINSON, Brian. “I am so humble!”: On the paradoxes of humility. In: ALFANO, Mark; LYNCH, Michael; TANESINI, Alessandra (Org.). *The Routledge Handbook of Philosophy of Humility*. New York: Routledge, p. 26-35, 2021.
- SAMUELSON, P. L.; JARVINEN, M. J.; PAULUS, T. B.; CHURCH, I. M.; HARDY, S. A.; BARRETT, J. L. Implicit theories of intellectual virtues and vices: A focus on intellectual humility. *Journal of Positive Psychology*, 10(5), 2014, p. 389-406.
- SAMUELSON, Peter; CHURCH, Ian. When cognition turns vicious: Heuristics and biases in light of virtue epistemology, *Philosophical Psychology*, 28:8, 2015, p. 1095-1113.



SILVA, Juliomar Marques. *Desacordo entre pares: uma defesa da atitude de humildade intelectual*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

STEINBERG, Justin. Humility as a Philosophical Concept: an Introduction. In: STEINBERG, Justin (Org.). *Humility: A History*. Oxford: Oxford University Press. No prelo. Disponível em: https://www.academia.edu/96298076/Humility_as_a_Philosophical_Concept_an_Introduction?email_work_card=view-paper. Acesso em: 15 ago. 2024.

STROUD, Barry. *A significação do ceticismo filosófico*. Tradução de Eros moreira de Carvalho, Flavio Williges e Plínio Junqueira Smith; guia de estudos Plínio Junqueira Smith. São Paulo: Scientiae Studia, 2020.

TAYLOR, Gabriele. *Pride, Shame, and Guilt*. New York: Oxford University Press, 1985.

TANESINI, Alessandra. Intellectual Humility as Attitude. *Philosophy and Phenomenological Research*, 96(2), 2018, p. 1-22.

TANESINI, Alessandra. *The Mismeasure of the Self*. Oxford: Oxford University Press. 2021.

VON WRIGHT, G. H. *The varieties of goodness*. New York: Humanities Press. 1963.

WHITCOMB, Dennis; BATTALY, Heather; BAEHR, Jason; HOWARD-SNYDER, Daniel. Intellectual Humility: Owning Our Limitations. *Philosophy and Phenomenological Research*, 91(1), 2015, p. 1-31.

ZAGZEBSKI, Linda. *Virtues of the mind: an inquiry into the nature of virtue and the ethical foundations of knowledge*. 2º ed. New York: Cambridge University Press, 1998.